

HISTÓRIA

Gustavo Barroso

SEGREDOS E REVELAÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL
O primeiro Tribunal de Relações do Brasil.-

O nome Giraldes surge em Portugal no tempo de D.Afonso Henriques na figura semilendária de Giraldo Giraldes ou Geraldo Sem Pavor, imortalizado nos estrofes dos "Lusíadas", conquistador de Évora aos mouros do Sul da Península. A família, portanto, é anterior à fundação da Monarquia. Ilustraram-na ainda em priscas eras D.Martinho Giraldes, Arcebispo de Braga, um dos Sete Prelados que se rebelaram em 1265 contra as Provisões de D.Afonso III, interditando o Reino e indo para a Itália, queixar-se ao Papa, em Viterbo, de onde, desconsolado por ser vencido, nunca mais voltou, e aquêles D.Afonso Giraldes, guerreiro e trovador, que se bateu como um leão na batalha do Salado. Esses Giraldes de pura e velhíssima cêpa portuguesa brasonavam desta sorte: escudo esquartelado; no 1º e 4º quatéis de azul com 3 flôres-de-lis, de ouro em roquete; na 2º de prata com um pé de trigo espigado de verde; no 4º de prata com uma cabeça de homem ao natural de cabelos ruivos.

No Século XVI, reinando D.Manuel, o Venturoso, e D. João III, outros Giraldes apareceram em Lisboa, emigrados de Florença, sua terra natal, que usavam no escudo de prata um leão de negro lampassado de azul, armado de vermelho e coroado de ouro. Foram estes os que estiveram naquele mesmo século ligados à história do BRASIL: Lucas Giraldes e seu filho Francisco.

Na distribuição das capitanias, a de Ilhéus, 50 léguas de costa ao sul da Bahia, coube a Jorge de Figueiredo Correia, Escrivão da Real Fazenda, que o mandou povoar com uma frota, carregada de gente e do que lhe fôsse necessário, sob as ordens do catelheiro Francisco Romeiro, considerado por Frei Vicente do Salvador "homem" de esforço e experiência". Trazia os títulos de Capitão e Ouvidor. Pero Borges, Ouvidor-Geral do Estado do Brasil, escreve sobre ele: "bom homem, mas não para ter mando de justiça, porque é ignorante e muito pobre, o que muitas vêzes faz fazer aos homens o que não devem". Informa ainda que estivera prêso em Lisboa, na cadeia do Limoeiro, por crimes no seu ofício, coisas malfeitas e atentados contra a justiça. Apesar dêsses defeitos do representante do donatário a capitania prosperou alguma coisa de Jorge de Figueiredo Correia a vendeu a Lucas Giraldes, que conseguiu pazes com o gentio Tupiniquim aplicou grandes cabedais e logrou, apesar dos assaltos do Aimorés, - flagelo da região, montar 8 engenhos de moer cana, sendo os princi -

pais dêles os de Camamu, Boipeba e Tinharé. Desejando permanecer na metrópole, pôs à frente de seus latifúndios alguns feitores italia - nos, que o roubavam por um pé e faziam os lucros se diluírem no côm - puto geral das despesas. Conta Frei Vicente do Salvador que, cansado das desculpas dum dêsses feitores, um tal Tomazo, Lucas Giraldes es - creveu-lhe êste bilhete muito expressivo: "Tomaso. Quiere que te di - ga, manda la asucre, deixa la parole".

Herdou a Capitania de Ilhéus em 1566, por morte - de seu pai, Francisco Giraldes, já tão lusitanizado e prestigiado que El Rei o nomeou Governador-Geral do Estado do Brasil. A sorte, porém não lhe foi propícia. Naquele tempo de navegação a vela, o regime - dos ventos e das correntes oceânicas fazia do cabo de São Roque um como que ponto de divisão da costa brasileira em dois setores, o do Norte e o do Sul. Os navios que demandavam esta parte deviam rumar a Pernambuco, a fim de poderem sem tropêço descer o litoral. Os que aproavam mais acima encontravam as correntes e os ventos que os tan - giam cada vez mais para o setentrão. Por isso, durante o primeiro - século após o Descobrimento, as navegações de exploração se fizeram ao longo da costa meridional. Depois, quando se foi ao Maranhão e à bôca do Amazonas, ainda a distância costeira entre o Potengi e o Par - naíba ficou para ser explorada, o que só aconteceu no comêço do Sé - culo XVII. A divisão da América Portuguesa em Estado do Brasil com sua capital na Bahia e Estado do Maranhão, que englobava o Pará e se comunicava diretamente com Lisboa, resultou das condições da navega - ção. Veremos como singelamente, na frase que grifamos, Frei Vicente - do Salvador explica o malôgro de Francisco Giraldes baseado nêsse fa - to então notório.

"Sabendo Sua Majestade, escreve, da morte do Gover - nador Manuel Teles Barreto, mandou em seu lugar Francisco Giraldes, filho de Lucas Giraldes, que, no livro II, capítulo VI, dissemos ser senhor dos Ilhéus e, se chegara ao Brasil, alguma coisa importava no bem daquela capitania; mas por demandar a costa mais cedo do que con - vinha e as águas do Paraíba para trás correrem muito para as Antilhas arribou a elas e delas tornou para o Reino, onde morreu sem estar nê - ste Govêrno. Com êle vinha Casa da Relação, que era para o Brasil - coisa nova naquele tempo; mas também quis Deus que não chegassem se - não quatro ou cinco desembargadores, que vinham em outros navios, dos quais um serviu de Ouvidor-Geral, outro de Provedor-mór dos defuntos e ausentes, e por não vir o Chanceler e mais colegas se não armou o

Tribunal, nem El-Rei se curou então disso, senão só de mandar Governador, que foi D. Francisco de Souza, o qual chegou no de 1.591, em domingo da Santissima Trindade."

D. João III criara de fato e de jure o Tribunal da Relação para frustrada do Governador Francisco Giraldes impediu fôsse o mesmo estabelecido na cidade do Salvador. Depois, o Soberano esqueceu o assunto e contentou-se em nomear o sucessor do falecido Francisco Giraldes. Sòmente um século mais ou menos após essa primeira e gorada criação teria o Brasil a sua segunda instância de justiça. A morte do filho do donatário de Ilhéus privou-o durante cem anos dêsse tribunal tão necessário à sua vida judiciária.

Os azares da navegação a vela não só impediram um governar-geral de exercer seu mandato, como ao Brasil de ter o seu próprio Tribunal de Relação já no primeiro século após o Descubri - mento.

8.551
5.118
3.433

8.551
5.118
3.433

8.551
5.118
3.433
8.551
5.118
3.433
8.551
5.118
3.433